HISTÓRIA & LITERATURA

DUAS FORMAS DE CONTAR O ACONTECER

MAIKE CABRAL

Ex nihilo nihil fit

2023

Ⱥ

A relação íntima e quase siamesa entre história e literatura é um tema que tem suscitado inúmeras reflexões ao longo dos séculos. Enquanto disciplinas distintas, elas compartilham um terreno comum ao lidar com a complexidade e a diversidade da experiência humana. No entanto, suas abordagens e métodos diferem fundamentalmente, revelando uma dicotomia fundamental: a história depende da esfera existencial para ser considerada real, enquanto a literatura encontra sua realidade estritamente na esfera mental.

A história, como campo acadêmico, busca compreender o passado por meio de uma análise crítica de fontes, registros e evidências tangíveis. Ela é ancorada na busca por fatos, na construção de narrativas motivadas em eventos concretos que ocorreram em um determinado espaço e tempo. A história procura *desvendar os acontecimentos*, entender as causas e consequências, e revelar verdades objetivas que nos podem aproximar de uma compreensão mais profunda do passado.

Por outro lado, a literatura tem como base a *criação de acontecimentos* imaginários, através das palavras e do talento do autor. A literatura é uma expressão artística, na qual a realidade é filtrada pela subjetividade do escritor. Através da literatura, mergulhamos na esfera mental, explorando as experiências humanas, as emoções, os questionamentos filosóficos e as possibilidades infinitas da imaginação acerca das situações humanas. A literatura oferece uma janela para a vida interior dos personagens, para as dimensões psicológicas e testemunhais que moldam nossa compreensão do mundo.

Enquanto a história exige evidências concretas, a literatura pode ser abstrata e especulativa. A história busca o rigor e a verificabilidade, enquanto a literatura busca a verossimilhança e a criação de significado. A história lida com fatos, dados e acontecimentos reais, enquanto a literatura permite a exploração de múltiplas perspectivas, a liberdade de experimentação e a subjetividade interpretativa.

No entanto, essa dicotomia não significa que história e literatura sejam entidades completamente separadas. Pelo contrário, elas se alimentam mutuamente, participam quase do mesmo corpo, complementando-se de maneiras sustentáveis. A literatura,

muitas vezes, encontra inspiração na história, utilizando-a como pano de fundo para a criação de suas narrativas e personagens. Da mesma forma, a história se beneficia da literatura ao fiscalizar as representações e compreender o passado presente nas obras literárias, reconhecendo seu poder de influenciar a consciência coletiva e a construção da memória histórica.

É importante ressaltar que a própria escrita da história é um ato literário. Os historiadores, ao selecionar, organizar e interpretar os eventos passados, inevitavelmente exercem um papel de autoria e construção narrativa. A história também é uma forma de literatura, embora sua ênfase recaia na busca por precisão factual e análise crítica.

A princípio, história e literatura são duas formas distintas, mas complementares, de se relacionar com o mundo e com o conhecimento humano. Enquanto a história nos convida a entender o passado através de uma abordagem fundamentada em fatos e evidências, a literatura nos proporciona uma visão mais ampla e subjetiva da existência humana, permitindo-nos explorar as complexidades da experiência possível. Ambos têm o poder de nos transportar para diferentes épocas e realidades, expandindo nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Vários autores abordaram esta relação simbiótica entre história e literatura ao longo do tempo, oferecendo perspectivas e questionamentos valiosos sobre o tema. Para citar alguns desses autores:

Hayden White: White é conhecido por sua obra "Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX". Ele argumenta que a escrita da história é essencialmente uma forma de narração, onde os historiadores selecionam e organizam os eventos de acordo com estruturas narrativas pré-existentes. White desafia a noção de objetividade histórica, destacando que a história é moldada pelas escolhas do historiador e pelas técnicas literárias que empregam. (Sobreposição)

Michel Foucault: Em sua obra "As Palavras e as Coisas", Foucault questiona a ideia de que a história e a literatura são domínios separados. Ele argumenta que as representações históricas são construções discursivas que estão sujeitas a regras e convenções específicas. Foucault destaca a importância do poder e da linguagem na criação das narrativas históricas, enfatizando a relação entre saber e poder. (Indistinção)

Roland Barthes: Barthes explorou a interseção entre história e literatura em seu livro "A Câmara Clara". Ele discute a fotografia como uma forma de representação histórica e literária, abordando a capacidade da imagem de evocar memórias e emoções. Barthes argumenta que a fotografia é uma forma de escrita da história, pois revela a existência de um tempo passado e permite a construção de narrativas pessoais e coletivas. (Transmigração)

Mikhail Bakhtin: Bakhtin, em sua obra "Estética da Criação Verbal", aborda a relação entre a literatura e a vida cotidiana. Ele enfatiza a natureza dialógica da linguagem, destacando que a literatura é moldada por psicologia social e contextos históricos específicos. Bakhtin argumenta que a literatura incorpora uma multiplicidade de vozes e perspectivas, tornando-se um reflexo da diversidade e complexidade da experiência humana. (Impressão)

Esses autores, entre outros, contribuíram significativamente para a discussão sobre a relação entre história e literatura, questionando conceitos alcançados e enfatizando a natureza interpretativa e construída dessas disciplinas. Suas ideias que variam desde a sobreposição, indistinção, transmigração e impressão na relação entre história e Literatura, nos levam a refletir sobre como elas se influenciam mutuamente, moldando nossa compreensão do passado, do presente e até nossas expectativas de futuro. Porém, buscaremos enfatizar uma visão - implícita nas opiniões citadas - acerca da ideia de que as duas atividades em questão são duas *formas de contar o acontecer*.

A relação entre história e literatura revela uma simbiose essencial entre essas duas formas de contar o acontecer da experiência humana. A literatura emerge como a mão da arte do historiador, enquanto a história se apresenta como a carne pela qual a literatura se alimenta.

A literatura, com suas ferramentas literárias e criativas, desempenha um papel fundamental no processo de contar histórias. Por meio da palavra escrita, os escritores são capazes de dar vida não só aos eventos do passado, construindo personagens complexos e cativantes que personificam as nuances e os dilemas humanos, mas também a eventos puramente fictícios. Inclusive, a literatura pode preencher as lacunas deixadas pelas limitações dos registros históricos, permitindo que a imaginação ocupe as brechas e traga à tona as emoções, os desejos e as motivações dos indivíduos envolvidos nos

eventos históricos. É a literatura que nos envolve com a experiência subjetiva e nos transporta para as camadas mais profundas da alma humana.

Por outro lado, a história fornece à literatura a matéria-prima necessária para suas narrativas. Através de pesquisas meticulosas, análises críticas de fontes e investigações minuciosas, os historiadores estabelecem os alicerces do trabalho literário. A história é o terreno fértil em que a literatura encontra suas raízes, é a carne e o sangue de sua existência, permitindo que a imaginação literária floresça e alce voos espetaculares. Ademais, os fatos históricos, os eventos documentados e as estruturas sociais e culturais servem como base para as tramas literárias, conferindo-lhes uma herança comum e uma conexão sólida com a realidade. *História* aqui num sentido mais amplo, não apenas como expressão formal e disciplinar, mas enquanto o *acontecer concreto*.

Essa interação entre história e literatura é uma fonte inesgotável de enriquecimento mútuo. A literatura preenche os caminhos da história, oferecendo uma perspectiva mais psicológica e íntima dos acontecimentos, enquanto a história fornece um alicerce sólido e uma compreensão contextual para as narrativas literárias. Juntas, elas nos permitem apreender a complexidade da experiência humana em sua raiz - no *contar o acontecer*.

É essencial reconhecer que a literatura e a história são inseparáveis, pois cada uma complementa e nutre a outra. A literatura humaniza a história, conferindo-lhe caráter onírico, lúdico e um olhar mais profundo sobre os dramas e os destinos dos indivíduos. A história, por sua vez, fornece à literatura a substância corpórea, a concretude real e a base de conhecimento necessária para criar narrativas que ecoem com uma sobrevivência duradoura.

Portanto, ao explorar a interseção entre história e literatura, devemos abraçar essa interdependência e apoiar a contribuição única de cada forma. É através dessa união harmoniosa que somos capazes de mergulhar na riqueza do passado, compreender a diversidade da experiência humana no presente e alcançar uma compreensão mais profunda de nós mesmos como seres expectantes, cujas vidas são tecidas em uma trama intrincada de fatos e ficções.

Assim, a conclusão óbvia a que se chega é a de que a relação entre história e literatura é absolutamente *enraizada na experiência humana*. Embora sejam faces

distintas, ambas têm como objetivo compreender e dar sentido à complexidade da existência humana ao longo do tempo. A história, através da busca por objetividade, a literatura, da exploração subjetiva.

Essas duas formas de expressão têm a capacidade de nos transportar para diferentes cenários, nos convidando a vivenciar as alegrias, as dores, as lutas e as esperanças de pessoas históricas ou imagéticas. A história nos oferece um panorama dos eventos e das mudanças sociais, políticas e culturais, enquanto a literatura nos mergulha nas reflexões da alma, revelando as experiências individuais e coletivas, os dilemas éticos e morais, os desejos e as reflexões filosóficas.

Ao explorar a interseção entre história e literatura, torna-se evidente que ambas são essenciais para qualquer compreensão da experiência humana. Enquanto a história fornece subsídios sólidos que podem constituir uma tradição ou uma continuidade de referência, a literatura oferece uma breve suspensão da presença concreta do mundo, tornando a história mais assimilável e compreensível.

Encontrar a linha mestra de associação entre história e literatura é fundamental para uma compreensão mais profunda do nosso mundo e de nós mesmos, e acreditamos que ela está no ato de *contar*. Ao se integrar nessas duas formas de expressão, a necessidade humana de comunicar experiências particulares ou universais tende a alcançar uma compreensão mais completa de si mesma, reconhecendo a importância tanto dos eventos concretos quanto das criações mentais. Essa união nos permite ir além dos fatos e das datas, adentrando a esfera da imaginação, das emoções e dos liames filosóficos - e aí reside o impulso dos *contos*!

Os contos são formas narrativas que remontam a tempos antigos e tem uma rica base histórica, inclusive, como fundamentos civilizacionais. Eles estão na base da construção linguística dos indivíduos - toda criança tem o impulso de contar o que acontece e o que imagina - sendo a atividade principal para a articulação ordenativa da vida social. Enquanto expressões literárias, são caracterizados por serem histórias curtas, focadas em um único evento ou conjunto de eventos, e geralmente envolvem poucos personagens. A principal diferença entre os contos e outros tipos de narrativa literária está na sua extensão e complexidade.

Aliás, uma das características marcantes dos contos é a sua estrutura concisa. Eles são geralmente compostos por uma introdução, um desenvolvimento e uma

conclusão. A introdução estabelece o cenário e apresenta os personagens principais, enquanto o desenvolvimento narra o conflito central da história. A conclusão, por sua vez, traz uma resolução para o conflito ou deixa espaço para reflexão e interpretação por parte do leitor. Exatamente a mesma substância estrutural trilógica encontrada em toda comunicação articulada e objetiva.

Ademais, os contos também podem apresentar elementos simbólicos, alegóricos ou fantásticos, muitas vezes explorando temas universais como amor, morte, coragem, ambição, entre outros. Eles têm a capacidade de transmitir uma mensagem profunda ou moral através de uma narrativa compacta, muitas vezes sublime e espectral.

Eles têm sido uma parte importante da tradição oral em muitas culturas ao redor do mundo. Essas histórias curtas eram transmitidas de geração em geração, servindo como uma forma de entretenimento, educação e preservação de mitos, lendas e valores culturais. Com o advento da escrita, os contos começaram a ser registrados em forma escrita, preservando assim suas histórias e permitindo sua disseminação em larga escala.

É justamente esta a chave mestra que liga os domínios da história e da literatura: o fato de ambas estarem subordinadas a um princípio comum, a atividade do *contar*.

A história e a literatura, em última instância, são *formas complementares e complexas de contar*. Elas nos convidam a mergulhar na vastidão da experiência humana, a explorar diferentes perspectivas, a questionar os dogmas de cada uma das esferas e a buscar um entendimento mais profundo do nosso passado e do nosso presente pelo simples fato de, o homem, se caracterizar pela faculdade de falar. Através da combinação dessas duas disciplinas, somos capazes de criar uma narrativa cada vez mais rica e inspiradora que ressoa com a nossa humanidade compartilhada.

Nessa busca contínua da humanidade por *expressar o acontecer*, podemos, através do trato com a história e a literatura em seu sentido formal, desenvolver as mais profundas reflexões sobre a existência, enriquecendo nosso conhecimento, nossa experiência e nossa compreensão do mundo em torno. Ao reconhecer a importância de ambas as formas de expressão e de sua raiz comum, abrimos novas possibilidades de atuação no tempo e nos conectamos com a vasta e intrincada tapeçaria de acontecimentos da trajetória humana: contando o acontecer acontecido e contando o acontecer imaginado.

***